

DISCURSO DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, TENENTE-GENERAL
JOAQUIM CHITO RODRIGUES NO DIA INTERNACIONAL DA PAZ
DIA 21 DE SETEMBRO DE 2008

Caros Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores

Hoje é Dia Internacional da Paz. Assim foi estabelecido pela ONU. É uma decisão política importante.

Outro actor mundial, a Igreja Católica, estabeleceu o que chamou de Dia Mundial da Paz.

Para muitos dos seres, sobre a Terra, ela só tem acontecido nos intervalos da guerra.



A Paz, de facto, não é fruto de decretos. A Paz é fruto de atitudes.

Só faz sentido falar de Paz porque reconhecemos a inevitabilidade da guerra.

Mas não queremos estar aqui hoje, em mais um encontro da utopia ou em mais uma marcha pela utopia da Paz.

Queremos que este encontro e todos os que hoje se realizam pelo mundo fora, com a participação dos antigos combatentes, nos mais diversos conflitos, tenha uma finalidade concreta a médio ou longo prazo.

Nós, combatentes, conhecemos num longo período das nossas vidas, a realidade da vida, em estado de guerra. Conhecemos algo que nenhum de nós ambicionou conhecer.

Nós que tivemos o triste fado de ter que fazer a guerra, somos o veículo ideal para dizer aos que a não fizeram e aos políticos que a determinam, que ela é normalmente um absurdo, uma catástrofe e sempre destruição de vidas e bens.

Só a luta pela sobrevivência ou a defesa dos mais altos valores de uma sociedade em perigo, pode justificar o uso da força. Por isso, quando hoje aqui nos reunimos evocando a Paz para o mundo, sabemos, conhecemos a verdadeira realidade humana. Fomos parte, da parte difícil da verdadeira história do homem na Terra.

Uma história de guerra e paz. Uma história de paz e guerra. Uma História de conflitos e tranquilidades. Mas sabemos que no mundo inteiro, qualquer cidadão, qualquer homem,

mulher ou criança ambiciona Paz, Segurança, Justiça, Liberdade e Bem-Estar. Mas muitas vezes sem que tenha força para o impedir, ou mesmo sem sequer para tal ser ouvido, dão-lhe guerra.

È importante então, para que não nos sintamos aqui num encontro utópico, que definamos a nossa verdadeira finalidade, o nosso verdadeiro objectivo, como cidadãos de Portugal e do Mundo em que vivemos.

Aqui apelamos, hoje, por um objectivo atingível e viável quer pelos senhores do mundo, quer pelos que se sentem com forças para dominarem os seus vizinhos ou mesmo aqueles que lutam pela sua própria sobrevivência, como povos:

- Que todos os actores internacionais, fundamentalmente aqueles que dominam a cena internacional, actuem por forma a que os períodos de Paz sejam exponencialmente superiores aos períodos de guerra e que façam tender estes, para zero.

Mas mesmo nesses períodos, em que se reconheça ser a guerra inevitável, é fundamental que os princípios do direito internacional e os valores universais tenham peso superior aos interesses por parte de quem toma a decisão de fazer a guerra.

As Nações Unidas têm feito grandes esforços mas têm-se mostrado incapazes de impedir a guerra. Talvez por isso Kofi Annan quando apelou para que se evocasse no mundo inteiro, um dia internacional da Paz, a 21 de Setembro, reconhecia a incapacidade da ONU e procurava na sensibilização dos cidadãos do mundo inteiro a força para que fosse possível, mais Paz.

A iniciativa da FMAC para que em todos os países pertencentes esta organização de antigos combatentes se fizesse uma marcha pela Paz de acordo com a orientação da ONU no dia 21 de Setembro, teve a adesão da Liga dos Combatentes e da ADFM, pertencentes àquela Federação há longos anos que convidaram as associações de combatentes aqui hoje presentes.

Quando falamos de Paz somos normalmente levados a pensar em conflitos de origem externa e em que estivemos, estamos ou podemos estar envolvidos.

Uma palavra de estímulo para aqueles militares que hoje, face a decisões políticas tomadas, se encontram em teatros de guerra. Para eles o nosso carinho e desejos de sorte e eficiência nas missões que lhe forem atribuídas e que elas sejam o mais curtas possíveis por aí se ter encontrado a Paz.

Mas as situações de Paz na ordem externa recebem um grande contributo de Paz na ordem interna das diferentes sociedades. Paz na Política, Paz na Sociedade e nas suas diferentes componentes, Paz na Família, Paz no interior de cada cidadão. Paz na rua.

E se também aqui, fruto do domínio das regras de vida em sociedade, se conseguir com eficiência, eficácia, equidade encontrar a forma mágica de atingir em elevado grau os objectivos atrás referidos, de Segurança, Justiça, Bem-estar e Liberdade, então os períodos prolongados de Paz interna e o equilíbrio de uma Paz externa serão uma realidade possível.

A Paz na sociedade vive muito da tranquilidade conseguida nas suas diferentes componentes. Julgamos estar já demonstrado que nós combatentes, somos uma das partes significativas dessa sociedade.

Mais. Uma parte dessa sociedade que quando foi entendido pegar em armas para defender a outra parte não hesitou em fazê-lo e assume que o fez com honra no cumprimento de um dever. Tal como ser militar não significa ser militarista, defender a Paz não significa ser pacifista. Significa ser realista. Significa ser consciente e informado dos valores pelos quais vale a pena lutar.

Por isso, é hoje muito importante que nos sintamos em Paz. Em Paz com a nossa própria consciência. Se assim for, podemos exigir que sejamos olhados pelos decisores políticos, não como os que fizeram uma guerra do outro regime, mas como combatentes que fizeram essa guerra e fariam as guerras do actual regime, como o mesmo sentido patriótico e o mesmo empenhamento.

Muito importante se torna pois que algumas justas reivindicações de combatentes idosos, deficientes ou carenciados sejam atendidas, para que assim possam atingir a sua Paz de espírito individual e possam contribuir para a Paz de espírito colectiva.

Não faz sentido apelarmos para um Dia Internacional da Paz se internamente não dermos o exemplo de sucessivos dias de Paz interna. Conjugação de esforços, trabalho, tolerância, coesão na prossecução de objectivos verdadeiramente nacionais, são contributos positivos para essa Paz interna e indirectamente para a Paz Internacional.

Termino exortando a que:

- Ajudemos a preparar comunidades e sociedades para viverem em Paz;
- Construamos o diálogo e a confiança entre antigos beligerantes;
- Tenhamos em consideração e legislemos para a resolução dos problemas com que se debatem diferentes gerações de combatentes, bem como de mulheres e crianças afectadas pela guerra;
- Actuemos com o nosso contributo de combatentes para a Paz e Segurança Internacional.

Enfim, que a voz levantada hoje pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes a favor da Paz, pelos mais de 27 milhões de antigos combatentes que a compõem, em 90 países de cinco continentes, seja suficientemente alta e poderosa para ser ouvida.

*Nós que sofremos a guerra
Que no corpo e alma marca nos deixou
Nós que fizemos a guerra
Mas a quem a lei da morte não levou
Aqui afirmamos, seja a Paz único lema
Que morrer por ele, valha a pena!*